

*Para Clara, Inés e Carmen*

Quando se analisam as reações dos povos, as suas capacidades para se rebelarem perante a opressão ou a sua aptidão organizativa, esquece-se muitas vezes o enorme impacto da luta e das centenas de milhares de mortos na Guerra e no Pós-guerra na memória coletiva.

Ainda não há números porque se destruíram as fontes – os registos civis e os registos de propriedade foram arrasados – e porque da matança massiva, terra a terra, em muitos casos não fica nada mais que a recordação aterrorizada dos familiares e pessoas queridas. O General Yagüe respondia assim à pergunta de um jornalista norte-americano sobre a matança de Badajoz: «*Naturalmente que os matámos – disse-me –, o que é que queria que fizesse? Ia levar 4.000 prisioneiros vermelhos na minha coluna, tendo que avançar contra-o-relógio? Ou ia deixá-los na minha retaguarda para que Badajoz voltasse a ser vermelha?* [1]

Fazem-nos falta. Vivemos com uma ausência muda e dolorosa da melhor geração de homens e mulheres que esta atribulada terra pariu. Muitos nem sequer tiveram tempo de ter filhos e poderem, assim, pelo menos continuarem vivos na sua memória.

Os que chegámos depois somos herdeiros da sua ausência, dessa dor a que é difícil apor palavras e a que, como todos os conflitos não resolvidos, se regressa com obsessiva insistência. As palavras do poeta asturiano Ángel González essa reiterada e vã procura:

*«Tudo isso será um dia  
matéria de lembrança e nostalgia.  
Voltará, sempre, a memória  
uma e outra vez a estas paragens,  
tal como a abelha  
dá voltas ao perfume de uma flor arrancada:*

*inutilmente»*

Mas também, ainda que seja às cegas, recebemos o tesouro do seu heroísmo inabarcável e o exemplo mais luminosos da solidariedade internacionalista que houve na história, o das Brigadas Internacionais. Umas raízes que afundam firmes nesta terra e que nos ajudam a não perder o norte.

A pedido dos camaradas «Espineta e Caragolins» aceitei o desafio – com uma imensa vertigem – de escrever sobre a Guerra Civil através da história do meu tio Tomás Martín, irmão da minha mãe. Faço-o consciente de que ele foi entre dezenas de milhares de heróis e heroínas anónimos.

Neste relato utilizei com fio condutor o escrito que a mulher de Tomás – Carmen Torres – fez da sua vida, para permitir que os seus netos, nascidos depois da sua morte, o conhecessem.

## Na esquadra mandam os cabos

No começo da guerra, em 1936, Tomás tinha 23 anos. Começou a trabalhar nos caminhos-de-ferro aos 14 anos enquanto estudava para entrar na Marinha. Ingressou como suboficial em 1934.

Em 1936 ingressou na União dos Militares Republicanos antifascistas (UMRA). A UMRA foi criada em 1934 durante o Biénio Negro em que os governos de direita reprimiram selvaticamente o movimento operário e popular, sobretudo na Revolução das Astúrias. O seu objetivo era resistir à ação da direita Unionista Militar Espanhola (UME) e desenvolveu um importante aparelho de informação sobre a atividade golpista dos comandantes.



Foto 1.

Tomás Martín ingresa en la Marina como Suboficial.

A UMRA também se encarregava da solidariedade com os numerosos militares presos depois de recusarem participar na repressão da Revolução das Astúrias (outubro de 1934) bombardeando os insurretos. Documento aqui a importante resistência militar em participar na repressão, que mais tarde foi brutalmente executada por Franco: «Nos dias 5 e 6 de outubro de 1934, um numeroso grupo de soldados da base de León, apoderou-se de espingardas e munições para impedir a saída de aviões que iam bombardear as casas e «os seus irmãos» das Astúrias (...) O comandante De la Puente [comandante da referida Base Aérea], foi destituído pelo governo e julgado sumariamente (sic). Vinte e oito militares foram presos. No Exército de Terra, vários comandantes e oficiais foram submetidos a Conselho de Guerra e condenados. Dezasseis soldados do Regimento de Infantaria «Burgos», da praça de León, foram condenados num outro Conselho de Guerra. O cruzador Miguel de Cervantes teve que ser desviado para Corunha porque entre as forças de África que transportava sob o comando do tenente coronel López Bravo, tinha-se espalhado a palavra de ordem de **«não disparar contra os nossos irmãos»**. O cruzador Almirante Cervera não pôde utilizar os seus canhões contra as posições dos revolucionários em Gijón, porque dois marinheiros Gijonenses se apoderaram das senhas de abrir fogo e as atiraram ao mar. Foi o Libertad que bombardeou Cimadevilla e outros pontos da cidade. Mais tarde, nos extortores da Revolução, o general López Ochoa ameaçou o socialista Belarmino Tomás com a aviação para bombardear as zonas mineiras se não se rendessem [2].

A atividade conspirativa da direita acelerou-se depois da vitória da Frente Popular em fevereiro de 1936 e, nos dois meses seguintes, são assassinados dois militares filiados na UMRA [3]. Em 16 de Julho, uma delegação de membros da UMRA avistou-se com o Presidente do Conselho de Ministros, Casares Quiroga, para o alertar da sublevação em marcha e propor-lhe uma

série de medidas imediatas, como as destituições dos generais Goded, Franco, varela, Aranda, Fanjul ou Mola e, inclusive, a dissolução do exército. As suas recomendações não foram escutadas.

As notícias sobre a iminente sublevação fascista foram tomadas em consideração pelos suboficiais e radiotelegrafistas da UMRA na Marinha. Conscientes de que a imensa maioria da oficialidade era hostil à República, aceleraram o processo organizativo e conseguiram abortar a incorporação da Marinha nas fileiras franquistas.

Tomás fez parte do grupo de 20 suboficiais da UMRA que na noite de 17 de julho tomou o Ministério da Marinha. Os factos foram assim: «Na noite de 17 de julho estabelece-se no Ministério da marinha uma estrutura que se apodera dos locais de controlo sobre o que se pôde salvar das bases e da frota. Quando na madrugada de 18 é conhecida através da estação de Rádio de Madrid a mensagem de felicitações de Franco à guarnição de Melilla pelo triunfo da sublevação, transmitida a partir da Base Naval de Cartagena, Benjamin Balboa [terceiro oficial do Corpo de Auxiliares Radiotelegrafistas, que estava nesse momento de guarda à central e membro da UMRA] informa diretamente o ajudante do ministro, tenente Pedro Prado Mendizábal, saltando a linha hierárquica do Estado-Maior. O próprio Balboa ordenou na sua primeira comunicação aos radiotelegrafistas de barcos da esquadra, que a cada duas horas comunicassem a posição dos mesmos. Se não houvesse resposta é porque na unidade tinha triunfado o golpe [4].

Benjamin Balboa, quando recebeu a ordem do chefe da central radiotelegráfica de que comunicara a mensagem de Franco às guarnições recusou obedecer e prendeu o seu chefe. Depois contactou com todos os navios da Armada e com os radiotelegrafistas destes, a maioria dos quais conhecia pessoalmente. Informou-os que os seus suboficiais podiam estar prontos para se sublevar contra o governo e estabeleceram uma chave para que comunicassem se tal sucedesse.

Estes factos determinantes para que praticamente a totalidade da marinhagem dos navios de guerra se amotinasse e prendesse os seus oficiais, de forma que a Marinha permaneceu fiel à República. «Essa glória é inteiramente sua. Foi o resultado da improvisada ação das dotações dirigidas pelos cabos e inspiradas pelo homem que fez chegar aos navios o grito de alarme (...) e em poucas horas resgataram um couraçado, três cruzadores, dezasseis destroieres, doze submarinos e numerosos torpedeiros e guarda-costas e outros navios auxiliares [5].

### **Armas para o povo**

Uma vez conhecida a notícia da sublevação, Madrid é fervedor de rumores e angústias. Um grito cada vez mais partilhado e exasperado ante a inação do Governo levanta-se sobre os demais: Armas!

Tomás com ordens do também membro da UMRA tenente-coronel de Infantaria Julio Mangada Rosenhorm, no próprio dia 18 de julho – dia e noite – instrui

militarmente os membros da JSU no bairro Puente de Segóvia [6]. Um minúsculo grupo de militares utiliza os seus conhecimentos para ensinar rudimentos de formação militar a centenas de pessoas, criando *de facto* às portas da Casa de Campo o «quartel general das milícias de Mangada».

«Rapidamente apareceu um camião com espingardas e começaram a reparti-los. Estavam oleadas, limpámo-las com jornais e improvisamos cordas para as pôr ao ombro visto que vinham sem correias. Quanto a munições, não nos davam mais de cinco munições por pessoa. Entregavam armas a quem levantasse a mão para agarrar uma: parecia uma cena filmada nos filmes da revolução russa. Em breve o Círculo Socialista estava cheio, as espingardas começaram a dividir-se na rua, os homens armados atravessavam a estrada de Segóvia e entravam na Casa de Campo. Entre os civis começaram a ver-se alguns uniformes, a maior parte de sargento, suboficiais e um ou outro oficial, entre os quais estava o tenente-coronel Mangada (...) Entre a multidão estão também, não importa a que partido ou sindicato pertenciam, todos os jovens da Ponte de Segóvia [7].



Foto 2 Casa de Campo. Quartel das Milícias de Mangada. Ao fundo vê-se Cuartel de las Milicias de Mangada. Ao fundo vê-se o muro da Casa de Campo. Foto Enderiz. AHN, Causa General



**Foto 3. Camión repleto de los nuevos “soldados del pueblo” atravesando la desaparecida Puerta del Ángel**

Na manhã de 19 de julho, Madrid mudou por completo. Os locais de partidos e sindicatos estão repletos de pessoas a pedir armas. O centro desloca-se para os bairros mais pobres. As incipientes milícias vão ocupando lugares estratégicos.

As notícias que iam chegando dos diversos quartéis de Madrid confirmavam que todos, com exceção do Quartel da Montaña e o do Acampamento permaneciam leais à República. Quando mangada planeava o ataque ao segundo chegou a notícia da sua rendição, em que participaram as recém-criadas milícias [8].

Quando chegou a notícia que 1.500 militares fascistas com o general Fanjul à cabeça se tinham entrincheirado no Quartel de Montaña, Tomás está entre os milhares de milicianos, da Guarda Civil e da Guarda de Assalto leais à República que acodem à conquista do Quartel. Situava-se no alto da montanha do Príncipe Pio, exatamente onde tiveram lugar os fuzilamentos de 2 de maio de 1808 pelas tropas de Napoleão. O assalto era difícil e a imensa fê-lo de peito aberto. Ao terminar a segunda-feira dia 20 de julho o quartel estava nas mãos do povo e com ele a imensa quantidade de espingardas que ali se guardavam. «Ao assalto, milhares de operários atacaram o quartel. Os

falangistas e os soldados disparavam sem parar. Matavam indiscriminadamente. Ao medo de perder esta peleja juntava-se o ódio para aquela gente que corria direita a eles. Cada bala um peito. Foi uma matança horrível. Mas os operários chegaram ao muro e venceram. Entraram no quartel. A vingança tinha começado. Os oficiais e os falangistas e um ou outro soldado foram linchados. O general Fanjul foi detido. Seria julgado e fuzilado como traidor [9].



Foto 4. Imagem das pessoas mortas no Pátio do Quartel de la Montaña em 20 de julho de 1936

### **Deter a ofensiva fascista no Guadarrama**

Na última semana de julho Tomás sai de Madrid para Ávila na coluna mandada por Mangada. O objetivo da Frente Popular era parar a ofensiva fascista que avançava pelo Norte e que tinha conseguido apoiar o Alto de León. O general Mola, depois de se impor em Navarra, tinha enviado duas colunas para Madrid nas quais também participavam falangistas como Onésimo Redonda, fundador das Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista, que cairia durante a batalha.

Depois de um duro combate em Navalperal de Pinares – o batismo de fogo para as milícias republicanas madrilenas – conseguiu-se derrotar o exército golpista, comandado pelo guarda civil Lisardo Duval, um dos mais sanguinários repressores da Revolução das Astúrias. Esta vitória valeu a Mangada a promoção a coronel honorário, ainda que fosse conhecido como o «general do povo». A frente ficou estabilizada até ao final da guerra.

### **Regresso à Marinha**

Em agosto, Tomás pediu a sua incorporação no couraçado Jaime I. Nele, enquanto estava atracado em Málaga, no dia 13 de agosto, num bombardeamento da aviação fascista italiana ao porto de Málaga morreu um

seu companheiro de promoção. Posteriormente, foi enviado para Almeria onde fez o enlace entre a Marinha e as Brigadas Internacionais.

Em março de 1938 participou no afundamento do cruzador «Baleares», um dos cruzadores pesados com que a armada franquista contava. A sua atuação ali valeu-lhe a medalha de «Herói de Madrid».

### **A Base Naval de Cartagena no derrube da República**

Tomás Martín assistiu seguramente, ainda que não tenha documentação sobre isso, a uns factos na Base Naval de Cartagena – em boa medida desconhecidos – que tiveram grande transcendência no desenlace final da guerra [10].

A 4 de março de 1939 houve uma tentativa de sublevação em Cartagena. Era o primeiro ato do Golpe de Casado [11], que juntamente com o socialista Julián Besteiro e o anarquista Cipriano Mera, em finais desse mês, lavariam a cabo a mais alta traição concebível: entregar o que restava da República a Franco. Em contrapartida, Franco comprometia-se a não haver repressão. As dezenas de milhares de pessoas executadas e ainda estão sepultadas nas valetas são testemunhos do maior massacre que a história conheceu até esse momento.

O começo do golpe de Cartagena foi emblemático. Ali estava estacionada a armada republicana, eixo central da estratégia do governo Negrín para levar a cabo uma retirada ordenada e a evacuação dos comandos militares e dos quadros mais comprometidos da Frente Popular. Poder contar com a Armada era vital para salvar as vidas de milhares de militantes e a sua força podia assegurar, em boa medida, o êxito da missão, apesar da presença da Armada franquista no Mediterrâneo.

Naqueles momentos de confusão e de desmoralização pela queda da Catalunha, houve rumores de um «golpe de estado comunista» que, obviamente, pretendia justificar o que na verdade estava em marcha.

Negrín, depois das informações recebidas sobre a preparação de um levantamento, nomeou chefe da Base o comunista Francisco Galán [12]. Na véspera desta nomeação, o almirante Buiza estreitou as relações com os conspiradores de Madrid. Com estes preparativos de levantamento por parte dos adeptos de Casado cruzou-se um levantamento de carácter fascista que os ultrapassou. No entanto, o objetivo era o mesmo: impedir que Galán tomasse conta da Base e tirar a Frota de Cartagena para deixar a República sem este recurso vital.

O resto do plano continuou e, pelas 12:30 da manhã de 5 de março, a Frota abandonou a Base de Cartagena. Esse era o principal objetivo dos fascistas: «Nós tínhamos recebido uma mensagem de Franco: fazer sair a Frota. A partir do momento que tenha saído, ainda que o movimento seja sufocado não nos importa. Conseguíamos o que nos propúnhamos; deixar a República sem o seu último baluarte de resistência [13].

Às 20 horas do dia 5 a rebelião tinha sido completamente dominada. Agora nada impedia regressar à Frota. Na madrugada de 6 de março constituía-se em Madrid o Conselho Nacional de Defesa (CND) que devia dirigir o golpe e render a República perante Franco. Existe profusa documentação sobre os reiterados apelos de Buiza para o regresso [14]. Este traidor não só manteve a Frota num ponto equidistante entre as costas espanholas e as africanas, mas o chefe de Estado-Maior da Frota mandou prender os comunistas, anarquistas e socialista «bolchevizantes», seguramente para evitar que se repetisse a insurreição dos marinheiros como em 1936 [15]. A 7 de março, Buiza consuma a traição e dirige a Frota para Bizerta (Tunis), onde chegaram a 27 de março. À sua chegada as autoridades francesas tomaram conta dos barcos e entregaram-nos a Franco. A tropa e a maior parte da oficialidade ficou confinada num campo de refugiados e condenados a trabalhos forçados [16].

Saliento estes acontecimentos porque me parecem cruciais e porque, em grande medida, são desconhecidos, apesar da contundência dos documentos apresentados em «El desplome de la República». A vergonhosa figura de Buiza e do criminoso Casado, juntamente com a dos seus acompanhantes Julian Besteiro, Cipriano Mera ou Wenceslao Carrilo foi camuflada na literatura sobre o assunto. Nuns casos por desconhecimento dos dados [17], no caso de obras de socialistas ou anarquistas porque nenhum estava interessado em aprofundar demasiado o tema, e a literatura franquista porque, como bem saliente Benevides, a saída da Frota era um objetivo estratégico.

Em Madrid, o Comité Provincial do PCE, com um heroísmo incomensurável organiza a resistência ao golpe de Casado [18]. Consegue-o durante uma semana. O relato mais palpitante, mais emocionante dessas terríveis jornadas, entre 5 e 13 de março de 1939 em Madrid, é feito por Max Aub em «Campo Moro» [19]. Aub, membro do partido socialista, narra com dureza a repugnante traição de Besteiro e dos outros, ao mesmo tempo que descreve a épica luta dilacerante da resistência, enquanto tudo se afunda e a traição alastra.

O desmoronar da República, após o Golpe, acelerava-se em todas as frentes e, como era de esperar, Franco não aceita outra coisa que não fosse a rendição incondicional.

A dezenas de milhares esperava-os a morte, entre eles os que se escaparam da Frota republicana. Algumas centenas, como os comunistas madrilenos foram diretamente entregues a Franco dos cárceres onde os *casadistas* encerraram os sobreviventes.

### **Campo fechado**

Na reorganização da Marinha feita pelo governo Negrín, em que coloca os comunistas nos postos chaves, Tomás Martín aparece nos documentos como integrante do último Estado-Maior republicano.

Passa a fronteira e é encerrado com mais cerca de meio milhão de republicanos e republicanas no campo de Argelès-su-Mer. Membros do governo oferecem-lhe partir com eles para Paris, mas ele recusa o tratamento



de favor e permanece com o resto, usando o francês que sabia para tentar entender-se com os franceses.



Foto 5. Argelés-sur-Mer

As imagens são impressionantes. São muito semelhantes às das atuais pessoas refugiadas, estacionadas às portas da UE, fugindo das guerras instigadas por ela.

Não me detenho a relatar o horror e a morte nos campos onde o governo francês guarda o exílio republicano, em fuga, em condições pior que animais, sem nada onde se abrigar das inclemências do tempo, comendo pedaços de pão que lhes atiravam de camiões e rodeados de guardas senegaleses.

Os mais débeis morrem com diarreias, de frio, de infeções múltiplas, de fome. Outros atiram-se ao mar para não sofrerem mais.

Tomás sai de Argelés em finais de 1939, quando são pedidos voluntários para trabalhar numa fábrica e tanques, no departamento de Tarn (Midi-Pyrénées). Aí permanece até à derrota francesa, e volta a Argelés. Aí, todo o pessoal militarmente útil é requisitado pelo governo de Vichy [20] e Tomás foge do campo para ir trabalhar para as mimas de carvão de Saint-Etienne.

Fica numa situação difícilima. Não conhece ninguém. O poço em que trabalha está a 1.000 metros de profundidade, deram-lhe uns farrapos como roupa e as botas metiam água por todo o lado.

Nas costas de uma folha de pagamento da mina ele próprio escreve: «começámos a furar um poço encerrado há 20 anos e o lodo chega-nos até ao meio da perna. Trabalho sem botas, e sobretudo, a semana do turno de noite torna-se insuportável, falto um dia por falta de moral e recupero no domingo para não perder o prémio de *asiduité*. Nesta quinzena estive tão deprimido que cheguei a juntar 26 cartas sem responder. Viver para quê? Frio intenso, água no poço, sem botas, sem roupa. Às 12 vou para casa sem poder resistir a tanto tiritar e doença, para aí mal comer, ter frio e fome. Tenho um só pensamento: Mamã!»

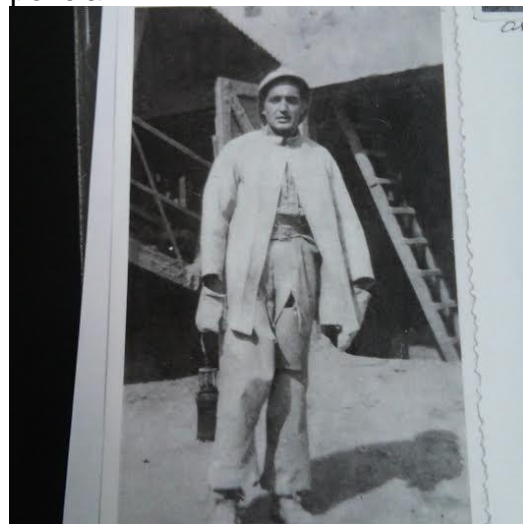
O médico vê-lhe uma «mancha no pulmão» e ao aperceber-se da sua situação diz-lhe ao ouvido: saia daqui antes que seja tarde demais.

O relato de sua esposa, Carmen, explica por que razão não deixou a mina antes: «naquela época todos os estrangeiros eram individualmente controlados e o Tomás tinha assinado um contrato com a mina.

Para sair dali e fazer a uma deslocação, por menor que fosse, tinha de obter uma autorização da

**Foto 6. Tomás en las minas de Saint Étienne**

polícia».



## A resistência no Aude

Depois da saída instala-se em Carcassone e retoma a sua militância – obviamente clandestina – no PCE e entra para o *maquis*, onde é nomeado responsável pelos departamentos de Aude e de Ariège.

Consegue através de um companheiro da Marinha, Pepe Luis Albert, um posto de trabalho como secretário do chefe francês do Grupo de Trabalhadores Estrangeiros nº 422. «Esta Companhia converteu-se em ponto nevrálgico da Resistência: fazia documentos de identificação, contratos, mudanças de patrão, folhas de itinerário, permissões de deslocação, etc. que entregavam a pessoas perseguidas [21].

Tomás recuperou a forma física e tem uma intensa atividade, criando focos de resistência e de sabotagens contra os alemães. Tudo isto é articulado com as atividades de solidariedade que o seu trabalho lhe permite, alertando e escondendo na serra – com a ajuda de mineiros de carvão e lenhadores – aqueles que iam ser deportados para os campos nazis – sem distinção de ideologia política – percorrendo centenas de quilómetros de bicicleta.

Tanta atividade não passa despercebida às forças de ocupação. Em 20 de janeiro de 1944 é detido pela Gestapo em Carcassone- juntamente com um grupo de camaradas – tendo

eles sido encontrados com pacotes do jornal *Combat* [22]. Durante semanas foi selvaticamente torturado, na especialmente preparada para isso quinta de Bouttegach, sem que tivessem sacado dos seus lábios uma denúncia, sendo posteriormente enviado para Mauthausen [23]

### **Mauthausen, a organização clandestina do inferno**

Mauthausen, dentro da classificação dos campos de concentração realizada pelas SS, era de categoria III, a dos irre recuperáveis; ninguém devia sair dali vivo.

Chegou ao Campo com a denominação Nacht und Nebel (NN) com a qual os alemães designavam os que deviam ser rapidamente exterminados, Aí encontrou-se com o mais impensável, a organização clandestina dos comunistas de Mauthausen. Mariano Constante [24], que depois se tornou o seu melhor amigo, estava ali há já mais de três anos e, juntamente com outros camaradas tinham posto em andamento a organização do PCE. Mais estendeu-se a outras organizações políticas e a outras nacionalidades, dando lugar ao Comité Internacional de Mauthausen.

A organização clandestina de Mauthausen foi criada em junho de 1941, coincidindo com a notícia do ataque nazi à URSS. Aproveitou-se o facto de terem decretado uma desinfeção geral do Campo, o que lhes permitir reunirem-se. Foi eleita a direção clandestina e Constante para seu responsável.

Quero deter-me neste facto extraordinário que se verificou em Mauthausen e não aconteceu noutros campos, uma prodigiosa realização dos comunistas espanhóis.

No inferno mais apocalíptico, num lugar programado para aniquilar a esperança, entre a mais absoluta degradação humana, um grupo de militantes com os olhos e a alma destroçados por verem cair tantos amigos, por assistirem diariamente ao assassínio em série, cria-se uma organização clandestina que se prepara iluminar uma nova sociedade, para a qual há que viver, há que preservar coletivamente a vida de cada um e, sobretudo, há que manter uma vontade indomável de combate e de esperança.

O autor de «Os anos vermelhos» [25] testemunha assim: «começámos o nosso trabalho clandestino perto de todos os espanhóis, tanto nos locais de trabalho como nos Blocos. Perseguíamos vários objetivos: manter os nossos princípios e a nossa moral. Tratava-se de fazer compreender que, para lutar no interior do campo era necessário ter uma vontade inquebrantável de combate e de esperança, sem a qual nada era possível; ter confiança na vitória final; lutar contra a depravação e a corrupção; evitar fazer o jogo dos SS para prejudicar outros presos políticos; solidariedade total em todos os momentos e circunstâncias; Fazer o possível para que os presos de «delito comum» não nos roubassem a nossa escassa comida; tentar colocar espanhóis de confiança nos lugares de trabalho onde houvesse possibilidade de ajudar os restantes e, na medida do possível, também nas barracas; obter informações e vigiar a conduta dos SS, a fim de lhes fazer frente e prever as suas reações, estabelecer contactos com os deportados políticos de outras nacionalidades. (...) Estes objetivos podem parecer quase quiméricos, inclusive pejados de infantilismo, mas nenhum deles precisava de ser importante e, da nossa parte, eram o resultado de um verdadeiro estudo. Eram o produto da «nossa experiência».

À frente fala das tarefas diárias: ajudar a que um companheiro descansasse meia hora

podia servir para lhe salvar a vida «naquele dia», esconder um outro para que não lhe dessem uma injeção de benzina, ou dar uma concha suplementar de sopa ou um pouco mais de migas ou pão a um companheiro exausto podia permitir-lhe viver uns dias mais. Posteriormente já se aborda a sabotagem, com plena consciência que inutilizar uma pá ou a peça de uma máquina servia para destruir – ainda que fosse numa ínfima parte – o potencial de guerra do III Reich. «Em Mauthausen era necessário calcular tudo meticulosamente, até ao ínfimo detalhe, para poder conservar a esperança de sobreviver» [26].

Eram tempos em que as vitórias nazis em terras soviéticas tornavam os SS mais impunemente cruéis e aos prisioneiros, especialmente aos comunistas era mais difícil manter a esperança. «Era necessário explicar aos nossos – relata Mariano Constante – o inexplicável, e dar respostas às suas perguntas: como é possível que o Exército Vermelho, tão poderoso, retroceda de tal forma frente aos tanques alemães? Tivemos que encontrar explicações para tudo, e avançar com hipóteses que pudessem parecer lógicas para primeiro que tudo, conseguir um objetivo essencial: que ninguém perdesse a moral e a confiança na vitória final. Não foi tarefa fácil, como se pode imaginar [26].

A vitória de Estalinegrado foi uma imensa injeção de moral de vitória. O Comité Internacional ia avançando, e cada país tinha a sua organização clandestina em 1943.

A chegada de novos espanhóis, como Tomás, precedentes da Resistência francesa e com experiência militar, serviu para reforçar o aparelho clandestino e para criar o primeiro grupo do «aparelho militar espanhol». Tomás foi o número dois do Aparelho Militar Internacional (AMI), dirigido pelo espanhol Miguel Malle e o representante do PCE no neste organismo.



Foto 7- Ao centro, em cima, Miguel Malle, à sua direita Tomás Martín

Nesta altura já conseguiam ouvir emissões de rádio de todos os países através de uma

emissora clandestina que tinham os próprios SS. A penetração da organização avançava, de tal maneira que, no verão de 1944, cobria já a maior parte dos postos de direção interiores.

Desde princípios de 1945 que a atividade militar clandestina se intensifica. Estão em poder do Comité Internacional numerosas armas e mecanismos de controlo do campo.

A organização espanhola, que tinha o comando supremo tanto político como militar, expôs um plano estudado até ao ínfimo pormenor para tomar o Campo, o que não foi aceite pelo Comité Internacional.

A tensão crescia com a suspeita mais que provável que os alemães exterminariam o campo antes da chegada dos aliados. Com as metralhadoras no cimo das torres do campo apontadas aos presos, os SS pediram voluntários espanhóis para combater os soviéticos que se aproximavam de Mauthausen: «Ninguém se mexeu... Aquele foi um dos momentos mais memoráveis da minha vida. Ficámos como estátuas de pedra. Um silêncio de morte pairava sobre o campo. Avançou para nós e perguntou aos da primeira fila se eram voluntários para defender a Alemanha. A resposta de uns e de outros foi a mesma: *Nicht verstehen*... Não compreendo.

Assim permanecemos durante vários minutos, cara-a-cara; o infame verdugo de um lado e do outro os «restos» da nacionalidade que mais caro tinha pago o seu tributo à liberdade. Vendo que não vergaria a nossa atitude, ordenou destroçar [27].

### **A libertação de Mauthausen**

A libertação do Campo pela própria organização clandestina é um exemplo de ténpera organizativa, de decisão para agir perante momentos de confusão e de capacidade militar. O Estado-Maior do parêlo Militar Internacional foi instalado à porta do Campo, controlando em pouco tempo a desordem verificada nos primeiros momentos, em que os guardas civis vienenses – impostos à força das armas pelos SS – fugiram.

Nos dias seguintes houve duros confrontos entre a AMI e as tropas alemãs que retrocediam e os SS de Mauthausen, que permaneciam nos arredores.

Miguel Malle tinha reservado o sector mais perigoso para os espanhóis, não apenas ela sua valentia, mas pela facilidade de transmitir ordens e diretrizes sem necessidade de intérprete. Mas, principalmente pela enorme contribuição de ténpera, experiência militar e firmeza política que os comunistas espanhóis tinham metabolizado desde a Guerra Civil.

Por fim, a vitória chegou, mas aos republicanos espanhóis, especialmente aos comunistas, ainda faltava um longo trecho para percorrer.



**Foto 8 Os espanhóis às portas de Mauthausen depois de terem libertado o Campo. Tomás Martín aparece na última fila içando a bandeira republicana.**

Imediatamente a seguir à libertação de Mauthausen, Tomás redige uma carta escrita à máquina cuja cópia conservo. Era dirigida aos CAMARADAS COMUNISTAS ESPANHÓIS RESIDENTES EM CARCASSONE E DEPARTAMENTO DE AUDE, PARTICULARMENTE AOS CAMARADAS DA UNIÃO NACIONAL [27].

Transcrevo alguns dos seus parágrafos:

«CAMARADAS: Ao vermo-nos livres dos opressores assassinos dos povos da Europa (a SS, braço executor do nazismo hitleriano) os nossos olhos voltam-se para Espanha e o nosso coração bate com um único desejo: RESGATAR A NOSSA QUERIDA ESPANHA DAS MÃOS DE FRANCO E DEVOLVE-LA À REPÚBLICA.

(...) Num dia, que esperamos seja próximo, daremos conta da nossa conduta aqui e falaremos da forma como caímos na rede do inimigo. O motivo da acusação e da tortura foi encontrem-nos numerosos exemplares do jornal francês, da França livre, “COMBATE”. Por isso com a libertação do povo vizinho já recebemos a compensação que esperávamos: Aquele COMBATE foi ganho pelos nossos irmãos oprimidos. Os nossos inimigos também nos acusaram de trabalhos clandestinos contra Franco: Em breve iremos receber uma segunda recompensa, SE NOS COUBER A HONRA DE LUTAR JUNTAMENTE COM VÓS PELA RECONQUISTA DE ESPANHA.

E como nos tornámos muito egoístas, continuaremos no nosso posto de combate em paz vigilante até conquistarmos a última recompensa que desejamos: A UNIÃO DE TODOS OS POVOS.

Com uma evocação de todos os irmãos caídos pela Liberdade dos Povos e um VIVA ESPANHA! Saído do fundo do coração dizemos-vos: Até breve.

VIVAM OS ALIADOS!

VIVA O PARTIDO COMUNISTA !

Campo libertado de Mauthausen – Oberdonau – Austria, treze de maio de 1945.



**Foto 9. Tomás à sua chegada a Paris em 18 de junho de 1945.  
Tinha 32 anos.**

Como conta mariano Constante no capítulo intitulado *Atitude equívoca americana contra os espanhóis* [28]: «a guerra tinha terminado, mas os nossos problemas não». As tropas americanas impediam a sua saída do campo sem um salvo-conduto e ali não havia comida nem medicamentos. O Comité Internacional e a organização interior continuaram a funcionar para obter salvo-condutos, para conseguirem o indispensável. Para isso contaram com a imensa ajuda de um cubano chamado José, chegado com as tropas americanas, que inclusive pôs à sua disposição carros alemães «requisitados».

Ao saber que os republicanos espanhóis eram impedidos de chegar a França realizou-se o primeiro do PCE em Mauthausen em que a direção prestou contas da sua atividade durante mais de quatro anos de funcionamento clandestino «que foi aprovado sem reservas» [29].

Depois de infrutíferas tentativas de sair para França, uma delegação partiu clandestinamente para Krems (Austria) onde estava o alto comando do exército soviético. Quando a delegação solicitou a sua intervenção para conseguir a evacuação, o acolhimento pelo Estado-maior foi incompreensivelmente gelado.

À volta souberam que a França já tinha autorizado a sua entrada e que seriam transportados em camiões da Cruz Vermelha Internacional. Ao sair da Áustria e entrar na Suíça foram detidos e tiveram de regressar a território austríaco, ao campo de refugiados de Sainte-Margretten. A suíça não autorizava a passagem pelo seu território aos

«vermelhos espanhóis».

Não davam crédito ao que se estava a passar com um grupo de cerca de duzentos lutadores antifascistas espanhóis, deambulando pela Europa e rechaçados em todo o lado.

Ali estiveram vários dias tentando soluções de todo o tipo. Constante relata: «Com o meu amigo Tomás, que tinha sido comandante da Resistência antes de ser preso e deportado, o que lhe dava alguma autoridade junto dos franceses, começamos a desenvolver uma série de trâmites para conseguir regressar a França. (...) Por fim obtivemos uma coluna de camiões militares vinda de Estrasburgo para buscar-nos. (...) esperávamos há vários dias os camiões quando, uma manhã, se apresentaram no nosso acantonamento os oficiais franceses acompanhados de Tomás, que dava saltos de alegria. Finalmente os suíços tinham autorizado os «vermelhos espanhóis» a atravessar o país».

Atravessaram a Suíça em vagões fechados à chave e guardados por dois sentinelas em cada extremidade.

Finalmente, chegaram a Paris com a sua «carta de repatriados» a 18 de junho de 1945.

Tomás ficou ali procurando lugares de acolhimento para os seus companheiros que não conheciam ninguém, até que pudessem encontrar trabalho. «Com o dinamismo que o caracteriza e viajando sem pagar comboio durante um mês – conta o relato de sua mulher, Carmen Torres – procurava famílias solidárias, associações humanitárias. Em Narbonne deixa um bom grupo de deportados e outro vai com ele para um hotel da cidade de Carcassonne».

### **A última dor**

Como bons comunistas, os membros da direção comunista de Mauthausen acodem a prestar contas à direção máxima do PCE, estabelecida em Toulouse. Mariano Constante passou os dias seguintes à libertação do campo ocupado em redigir um exaustivo relatório para a direção do seu partido.

Jamais foram recebidos por membros do Comité Central. Aqueles que foram reconhecidos como grandes heróis da Resistência pela França, não conseguiram sequer ser ouvidos pela direção da organização política em cujo nome atuaram.

Mariano Constante deu-me uma explicação que não aparece em nenhum dos seus livros.

Um companheiro espanhol deportado em Mauthausen que não participou na organização clandestina que libertou militarmente o Campo, fugiu para a URSS. Ali, por motivos que se desconhecem, denegriu a direção do Partido em Mauthausen e, sobretudo, qualificou a decisão do Aparelho Militar Internacional de libertar o campo antes da chegada dos americanos como um aventureirismo irresponsável. Essa foi a versão que prevaleceu na URSS e na direção do PCE, e a que determinou que todos os militantes comunistas sobreviventes em Mauthausen morressem com a enorme dor de nem sequer serem ouvidos pelo seu Partido.

Tomás Martín encontrou a sua companheira de vida em Carcassonne, Carmen Torres, teve dois filhos e até ao fim da sua vida continuou a realizar o seu compromisso político. Com o



peso da derrota às costas e as terríveis recordações de que nunca falava; as suas últimas atividades foram a sua intensa participação na campanha deenvolvida no sul de França contra as penas de morte ditadas pela ditadura franquista contra militantes da ETA no processo de Burgos em 1970.

Com uma imensa dor não pôde mais e a 31 de março de 1972 tirou a vida.

Tinha recebido a Cruz de Guerra com Estrela Vermelha, a Cruz da Deportação, a Cruz dos Combatentes e a Cruz da Resistência.

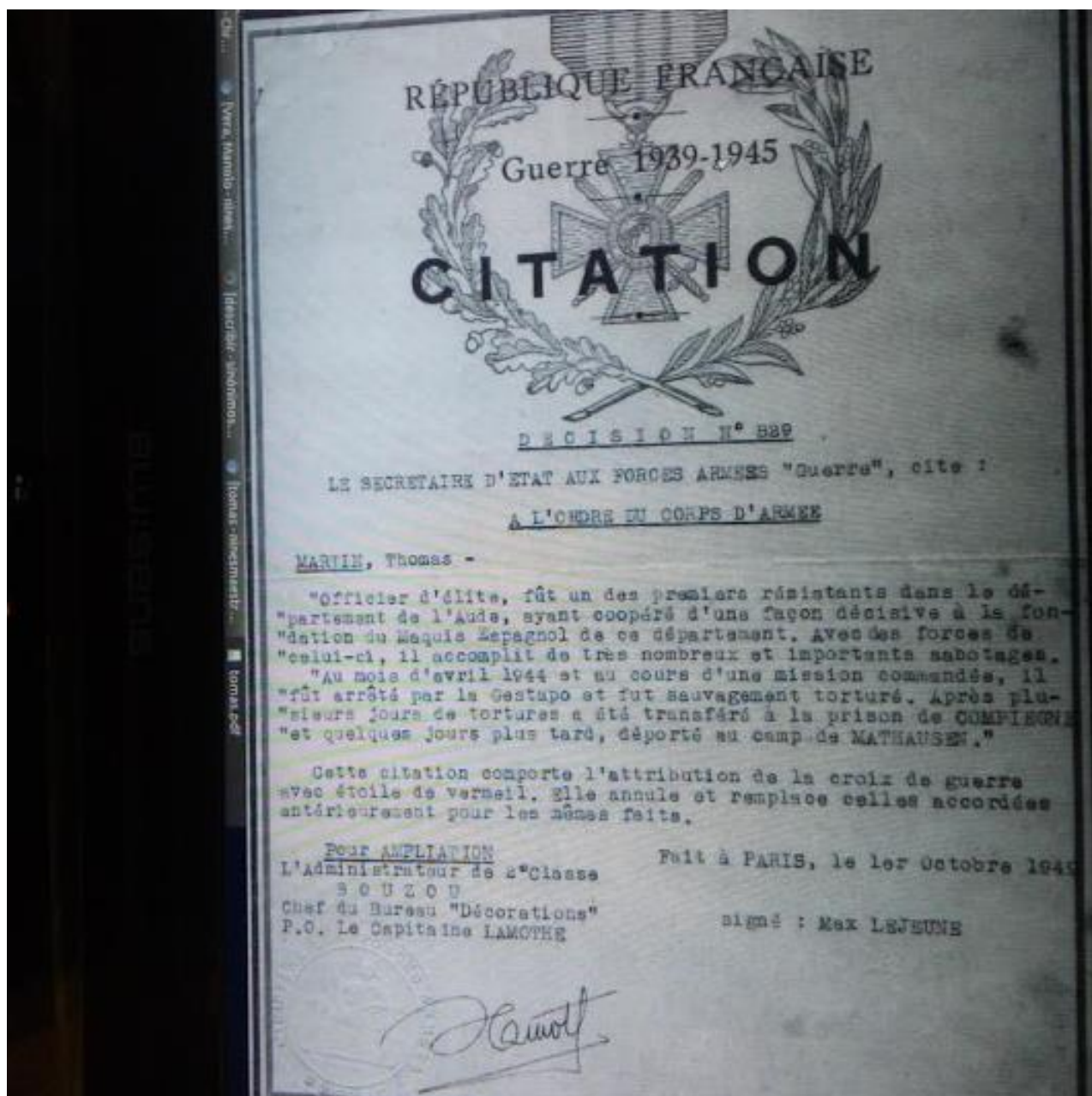


Foto 10. Atribución de la Cruz de Guerra con la Estrella Roja

Miguel Malle, nascido em Jaca, comandante do Aparelho Militar Internacional em Mauthausen escreveu o seguinte:

ADIEU THOMAS MARTIN

«A notícia da tua trágica desapareição deixa-nos aturdidos.

Glorioso combatente em Espanha e, continuando na Resistência em França, tu foste dos que – como eu próprio – tivemos a sorte de nos fundirmos no inferno de Mauthausen, quando já os nossos compatriotas (que tinham sobrevivido aos anos terríveis de 40-41 e 42) tinham criado os órgãos da resistência frente aos verdugos e da exemplar solidariedade que salvou tantas vidas, entre elas as nossas.

Quando estes órgãos te contactaram, reclamando as tuas qualidades de oficial para reforçar o embrionário aparelho militar, tu aceitaste com determinação pôr os teus conhecimentos, a tua coragem e a tua vida AO SERVIÇO DE TODOS, numa tarefa medonha que parecia sobre-humana ( e que alguns julgaram irrealizável), com tudo o que isto comportava de risco e responsabilidade.

Quiseram as circunstâncias – por nossa responsabilidade no AMI (Aparelho Militar Internacional de Mauthausen) que tomássemos a direção dos dois objetivos mais importantes de «a primeira fase do Plano Geral de Ação» e a tua unidade recebeu a terrível missão do objetivo nº 1. (Todos os que passaram por Mauthausen compreenderam facilmente as noites sem sono e os pesadelos que esta porta principal e as suas torres deveriam representar para aquele cuja missão foi tomá-las de assalto, sem praticamente nada!).

Com que orgulho, com que emoção, com que amor tu me falavas sempre – inclusive nos nossos últimos encontros – dos camaradas dos diferentes grupos que tu comandavas, da sua moral, da sua firmeza, do seu espírito de abnegação e sacrifício! De todo esse «ouro fino», como tu tão bem dizias!

Quando no XX aniversário da libertação do campo eu surpreendi-te – «só» no meio da massa – no pátio grande, com o olhar fixo na porta e nas torres de vigilância, recuando interiormente 20 anos atrás. Quando eu te agarrei nos ombros e disse-te: Deixa, tudo isto já terminou», tu sobressaltaste-te, como se tivesses despertado chegado de muito longe. Emocionei-me profundamente e compreendi então muitas coisas.

Nos nossos encontros dos últimos anos, com que amor e com que orgulho tu me falavas também dos teus, da tua querida mulher, dos teus filhos, da tua formosa vida, que era a tua felicidade e a tua alegria. Isso permite-nos valorizar ainda mais a dor moral que devias ter sobre os teus ombros – e da qual nunca falavas – durante tantos anos de sofrimentos psíquicos, sequelas do inferno, até chegar ao desejado apaziguamento.

Tomás, NÃO TE ESQUECEREMOS.

Camaradas do AMI, irmãos de desgraças e de combate, onde quer que estejais, permiti ao vosso comandante ordenar-vos: EM GUARDA! Y pedir-vos um minuto de silencia.

Um dos nossos, dos melhores, já cá não está!...

Miguel Malle

Só um miserável pode atraiçoar semelhante herança. O que aprendi é que só se é capaz

de abarcar o que significa estar sobre esta terra, o tempo que nos coube, quando esse belo e terrível legado se transforma – no momento concreto e nas condições em que nos cabe viver – em vontade combatente.

17 de junho de 2016

Notas:

[1] Raúl Calvo Trenado escreveu um documento rigoroso sobre o massacre de Badajoz, que pode ser consultado em: <https://rexvalrexblog.wordpress.com/2016/01/22/la-masacre-de-badajoz-por-el-coronel-falangista-yague-el-episodio-mas-brutal-de-la-guerra/>

[2] <http://www.asturiasrepublicana.com/octdelapuerta1.html>

[3] O segundo deles foi o Tenente Castillo, assassinado em 12 de junho de 1936. Castillo que estava destacado nas Astúrias em outubro de 1934, recusou-se a disparar alegando que «ele não disparava sobre o povo». Foi condenado por isso em Conselho de Guerra a um ano de prisão.

[4] Historia militar. La Armada española durante la guerra de los tres años (1936 - 1939)

[5] Benavides, Manuel D. (1976). “La Escuadra la mandan los cabos”

[6] Las Juventudes Socialistas Unificadas, se crearon en marzo de 1936. Fueron el producto de la fusión entre la Unión de Juventudes Comunistas y las Juventudes Socialistas. Muchos de sus miembros jugaron un destacado papel en la creación del V Regimiento y del Ejército de la República.

[7] Guzmán, E. (1939). Rojo y Negro. Milicias confederales. Tomado de este blog en el que hay una extraordinaria colección de fotos de los días 18 y 19 de julio de 1936.

<http://florentinoareneros.blogspot.com.es/2012/11/puerta-del-angel.html>

[8] Cómo se rindió el Campamento sublevado. La Libertad. 21 – 7 – 1936. Citado en el mismo blog anterior

[9] <http://vidayeltiempo.blogspot.com.es/2011/07/madrid-20-de-julio-de-1936.html>

[10] Viñas, A. y Hernández Sánchez Fernando (2009) “El desplome de la República. Los hechos que a continuación relato están tomados de este importante libro, plagado de documentos. El más importante de ellos – reproducido íntegramente en un CD que acompaña al texto y hasta entonces inédito - es el informe que la dirección del PCE, ya en Moscú, escribe a petición de Stalin entre mayo u julio de 1939.

[11] El reconocido historiador Ángel Viñas ha contribuido decisivamente a desenmascarar el relato exculpatorio que Casado consiguió inocular en diferentes medios y que pervivió porque contribuyó en gran medida a corroborar el relato de los vencedores. <https://dedona.wordpress.com/2011/12/11/dar-gato-por-liebre-angel-vinas/>

[12] Francisco Galán era hermano del capitán Fermín Galañ, quien – junto al también capitán García Hernández llevó a cabo la Sublevación de Jaca en 1930. Ambos fueron condenados a muerte y fusilados el 14 de diciembre de ese mismo año al grito de ¡Viva la República!

[13] Benavides. D. Manuel (2003) “La escuadra la mandan los cabos”, pág. 534

[14] Viñas, A. y Hernández Sánchez, Fernando (2009) Op. Cit paginas 279 a 284

[15] Ibid.

[16] En junio de 1949 se firmó el armisticio entre Francia y Alemania y se instauró el régimen colaboracionista de Vichy, situación que empeoró notablemente la situación de los marinos republicanos en los campos de trabajo.

[17] Un ejemplo de esto es el libro de Victoria Fernández Díaz, “El exilio de los marinos republicanos” aparecido en 2009, al mismo tiempo que “El desplome de la República”. En

él la autora no establece la menor conexión entre la salida de la Flota de Cartagena y el Golpe de Casado.

[18] Los pormenores del Golpe y de la resistencia pueden consultarse aquí: <http://marquetalia.org/2013/12/10/traicion-la-republica-3-el-golpe-de-estado-de-casado/>

[19] Aub, Max (1998) "Campo del Moro", novela que forma parte del grupo de seis libros que constituyen el Laberinto Mágico

[20] Tras la invasión de Francia por parte de la Wehrmacht y el consiguiente derrumbe del ejército francés en junio de 1940, el mariscal Pétain asume el poder y firma con Alemania el Armisticio del 22 de junio de 1940.

[21] Fernández Díaz, Victoria (2009) "El exilio de los marinos republicanos". Pág 252

[22] *Combat* fue el órgano de la importante red del mismo nombre que operaba en la zona sur de Francia y estaba integrada en el Consejo Nacional de la resistencia

[23] Enlace al documental "Mautahusen, el deber de recordar"

<https://www.youtube.com/watch?v=PkUuoCiU0LU>

[24] [https://es.wikipedia.org/wiki/Mariano\\_Constante](https://es.wikipedia.org/wiki/Mariano_Constante)

[25] Constante, M (2005). "Los años rojos" . Pág 178

[26] Op. Cit. Pág 179.

[27] Ibid. Pág 193

[28] Ibid. Pág 239

[29]1 Unión Nacional fue una organización creada en Francia en 1942 y promovida por el PCE con la pretensión de agrupar fuerza para la lucha contra la Dictadura franquista, al tiempo que se combatía a la ocupación nazi en Francia.

[30]1 Constante, M (2005). Ibid. Pág 255.

[31] Ibid.

\* Ángeles Maestro é dirigente nacional de Red Roja

Este texto foi publicado em:

<http://redroja.net/index.php/noticias-red-roja/noticias-cercanas/4137-la-voz-a-ti-debida>

Tradução de José Paulo Gascão